

INDISCIPLINA: UM OBSTÁCULO AO TRABALHO EDUCATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Marcus Vinícius Coimbra dos Santos
Secretaria Estadual de Educação – GO
Colégio Kerygma
marquinho_coimbra@hotmail.com

Introdução

O tema da indisciplina cada vez mais tem ocupado lugar nos debates e estudos acerca do cotidiano escolar. Sobretudo, tamanha expressividade deve-se ao fato de que à indisciplina são direcionados adjetivos como obstáculo e, ou complicador do processo educativo. Nota-se que, os problemas relacionados à indisciplina escolar atingem tanto as escolas de tipo público, quanto privado.

A intenção deste estudo, desde o princípio, pautou-se pela finalidade de traçar os contornos dos atos indisciplinados nas aulas de Educação Física e seus efeitos ao trabalho educativo, pelo diálogo mantido com o cotidiano da escola moderna.

Os conceitos aqui tratados sobre a construção da instituição escolar na modernidade apóiam-se em autores como Boto (1996), Dussel e Caruso (2003) e Elias (1994), enquanto que, a compreensão do espaço conferido à Educação Física na escola fora vislumbrado sob as perspectivas de Bracht (1992), Castelhani Filho (1994) e Soares (1994). Quando do tratamento da questão disciplinar propriamente dita, fez-se presente as idéias de Foucault (2002), La Taille (2001) e Ratto (2007).

A coleta e o tratamento dos dados ocorreram em uma perspectiva qualitativa com características etnográficas, nomeadamente crítica (MINAYO, 1992). Para tanto, os dados empíricos foram coletados por meio de entrevistas, do tipo semi-estruturadas, realizadas com professores e coordenadores de cinco escolas da região metropolitana de Goiânia. Assim, sob a ênfase de intervir na realidade, a partir das possibilidades, desenvolveu-se este trabalho.

Num primeiro momento foi traçado o palco de construção da instituição escolar na modernidade. A este contexto histórico foram recordadas as inúmeras mudanças de ordem econômica, política e social, dispensadas sob um discurso revolucionário que rompia com o modelo tradicional. Nisto, à escola elementar competiu a formatação desta nova sociedade, especialmente, no que tange aos costumes, às obediências e às moralidades.

Neste sentido, o segundo momento tratou por apontar que o estado burguês encontrou na Educação Física, enquanto prática pedagógica, um valioso instrumento de disciplinamento do corpo físico, preparando-o para o novo modelo urbano-industrial. Para isso, a Educação Física foi fortemente influenciada pelas instituições militar e médica.

Após essas conceituações, juntamente à apresentação dos dados de campo houve o cruzamento de conceitos referentes ao ato indisciplinado, à moral e à ética, ao poder disciplinar e à normalização do corpo, de tal modo que subsidiou a análise dos dados. Aqui, delineia-se que o ato indisciplinado é o rompimento com a moral da escola moderna, idealizada na expectativa de controlar o homem novo.

II - Ato indisciplinado: o rompimento com a moral da escola moderna

Considerando a Modernidade como o período histórico de construção de uma nova realidade sócio-cultural, rupturas com os aspectos estruturais do passado se fizeram cada vez mais presentes. Assim, forjar esta nova sociedade perpassava pela necessidade de constituir instrumentos capazes de formar nos indivíduos os novos hábitos e costumes.

O nacionalismo e a unificação linguística apresentaram-se imprescindíveis para a sustentação da sociedade moderna. Com isso, “entre os séculos 16 e 18 a pedagogia desempenhará papel fundamental na estruturação das obediências e na configuração das moralidades” (DUSSEL e CARUSO, 2003, p. 43). A escola pública, institucionalizada sob os pilares do movimento Iluminista, seria o agente responsável pela transmissão da ciência, pela formação do sentimento nacional e por inculcar uma moral coletiva, em que a obediência do

indivíduo passaria a ser padronizada e passiva. De maneira especial, caberia à escola elementar no processo de regeneração social ensinar, disciplinar e civilizar o homem novo.

A ênfase da instituição escolar recaiu sobre o processo de disciplinamento do homem, sendo que este processo estaria diretamente relacionado à moralização do mesmo. Foucault (*apud* RATTO, 2007) aponta que no contexto europeu, do referido período, desenvolveu-se um tipo de poder denominado de “o poder disciplinar”, a partir do qual há o delineamento de técnicas capazes de determinar a vida e o corpo dos indivíduos. O homem entendido como objeto, máquina. Sobre moral, Savater (*apud* RATTO, 2007, p. 217) elucida que:

[...] a palavra “moral” etimologicamente tem a ver com os costumes, pois isso precisamente é o que significa a voz latina *mores*, e também com ordens, pois a maioria dos preceitos morais soam assim como “você deve fazer tal coisa” ou “nem pense em fazer tal outra coisa”.

Tal conceito de moral pode ser percebido na fala de um dos coordenadores quando questionado a respeito da indisciplina nas aulas de Educação Física:

Entendo como indisciplina nas aulas de Educação Física quando os alunos não correspondem às atividades propostas pelos professores, bem como não respeitam as orientações (Coordenador 2).

A partir disso, todo comportamento do aluno que venha ferir ou questionar os padrões de comportamentos determinados pelas “autoridades”, acabam sendo definidos como indisciplinados e que rescindem as regras da escola. Nesta perspectiva, o indivíduo deve ter um autocontrole, de modo que não desfaça com a ordem disciplinar, e que se conforme aos seus próprios desequilíbrios ou insultos.

III - Disciplina Ligada à Moral e à Ética

Comumente os diferentes professores das diferentes áreas recorrem ao problema da indisciplina como justificativa para o insucesso escolar. Especialmente, antes de discutir possibilidades no trato deste fenômeno, é indispensável compreender as relações que a antítese disciplina - indisciplina estabelece com a moral e com a ética.

Não muito raro, entende-se que tanto a moral como a ética são sinônimas: “ambas referem-se a costumes, a condutas sociais, condutas estas referenciadas em valores, em

apreciações do que é desejável, bom, obrigatório” (LA TAILLE, 2002, p. 68). No entanto, este mesmo autor propõe uma diferenciação entre moral e ética, em que “a moral refere-se às leis que normatizam as condutas humanas, e a ética corresponde aos ideais que dão sentido à vida” (p.69).

Pressupõe-se que a ética está intimamente ligada aos ideais da pessoa, como ela quer viver, suas ambições e sonhos. Para tanto, na modernidade a ética está pautada no indivíduo. Foucault (*apud*, RATTO 2007, p.230) acrescenta:

A ética refere-se a um processo de subjetivação de cunho moral, através do qual a pessoa constrói relações consigo mesma e busca transformar-se permanentemente mediante as técnicas, os cuidados ou as práticas de si que lhe são apresentadas.

Os referidos apontamentos sobre moral e ética possibilitam-nos o delineamento do que vem a ser disciplina e, por conseguinte, (in) disciplina. A respeito disso, a fala de um dos coordenadores sobre a indisciplina do professor aponta que:

A indisciplina do professor é terrível, e pode ser vista quando este não planeja suas aulas (dificultando o uso de diferentes recursos materiais), não cumpre com suas obrigações, não se comporta de maneira adequada frente aos alunos, a falta de autoridade, e até mesmo o tom de voz utilizado ao falar com os alunos. A indisciplina do professor pode gerar a indisciplina dos alunos. (Professor 2)

A tal propósito, La Taille (2002) alega que:

[...] disciplina remete a regras. Com efeito, a pessoa disciplinada segue determinadas regras de conduta. Logo, disciplina corresponde ao que chamamos de moral: o respeito por certas leis consideradas obrigatórias. Portanto, a pessoa indisciplinada transgride as leis que ela deveria seguir (p. 90).

A partir do relato do professor (4), é possível reconhecer a indisciplina como rompimento com as leis morais:

Na Educação Física a indisciplina se apresenta principalmente através dos alunos que gostam de “chamar atenção”, dos alunos que enfrentam a autoridade do professor, alunos que não aceitam as regras, e em alguns casos isolados de brigas e violências entre os colegas.

A indisciplina, por este viés, é causada pela incoerência entre os valores éticos (pessoais) e as referidas regras morais. Nesta perspectiva, novamente La Taille (2002, pp. 90-91) traz à tona que:

A indisciplina pode, às vezes, vir em decorrência de bons motivos éticos. Se as regras não fazem sentido (e há muitas nas escolas) e se derivam de valores suspeitos (como a subserviência cega à autoridade), a indisciplina pode se justificar eticamente: ela pode traduzir um clamor pela justiça, uma demanda de generosidade, um apelo para a tolerância [...]

É impossível, desse modo, o sucesso de uma educação moral sem uma formação ética. Nota-se que há uma relação de interdependência, na qual a ética aparece no subjetivo e a moral no objetivo. Assim sendo, nem sempre a indisciplina é um caso ruim, mas, pode ser uma tentativa de rescindir com o modelo uniformizado e dócil.

IV - Educação Física na escola moderna: lugar de disciplinamento e fortalecimento do corpo

O processo de rompimento com a tradição feudal permeado pelo governo moderno trouxe consigo a transposição das moralidades, sobretudo no que tange à busca por formar indivíduos consentidos, autogovernados e disciplinados. Com efeito, “a pedagogia apresentou-se como um espaço significativo para essa tarefa de governar as almas” (DUSSEL e CARUSO, 2003, p. 57).

De maneira enfática, o governo das almas passa primeiramente pelo disciplinamento do corpo. Sobre isso, Foucault (*apud* DUSSEL e CARUSO, 2003, p.90) afirma que foram constituídas “técnicas que se aplicam ao corpo para domesticá-lo, e por meio dele, conseguir efeitos na alma”. A respeito das ações disciplinares impostas ao corpo Dussel e Caruso (2003, p. 90) apontam:

Ser observado, sentar-se em determinado lugar e permanecer quieto, as instruções para sentar-se “corretamente”, a insistência em escrever com a mão direita, a orientação da cabeça para frente, que favorece a curiosa “comunicação” entre o rosto e a nuca, são técnicas aplicadas ao corpo – não necessariamente castigos – que, com o passar do tempo, se internalizaram, tornando-se “naturais” e “corretas” para nosso senso comum.

Desenvolveram-se, nesta conjuntura, diversas instituições que começaram controlar a vida das pessoas, na busca por constituir o homem novo. Em meados dos séculos XVIII e XIX, há a introdução da Educação Física no espaço escolar, basicamente em detrimento do destaque concebido aos exercícios físicos na forma de ginástica.

Ao surgimento dos métodos ginásticos clareiam-se os vínculos estabelecidos entre os exercícios físicos e a medicina no que relaciona aos “cuidados com o corpo”. A esse respeito, Soares (1994) explica que a Educação Física constitui-se em um elemento responsável: pela higienização da sociedade e a promoção da saúde; pela regeneração da raça (movimento eugenista); por desenvolver a força e a coragem dos indivíduos; pela moralização das tradições e dos costumes e, principalmente, disciplinar os movimentos de tal modo que se mantenha o governo/controlado sobre indivíduo.

Sobre isso, alguns dos entrevistados fizeram apontamentos que se referem aos comportamentos inesperados na compreensão moderna da Educação Física:

Entendo como indisciplina nas aulas de Educação Física: a não participação nas aulas, pois isto inviabiliza sua própria aprendizagem; não aceitar teoria nas aulas de Educação Física; xingamentos; dar as costas para o professor; brigas; agressões; conduta (performance) na ida e na volta da quadra; preconceito em relação ao gênero. (Professor 1)

Na Educação Física a indisciplina se apresenta principalmente em aulas teóricas, bem como em aulas mal-planejadas. Atitudes como desrespeito ao professor e aos colegas podem impedir quase que totalmente o andamento da aula, pois chama a atenção dos outros alunos e também desmotiva o professor. (Professor 5)

Nota-se que a Educação Física assume a expressão “biologizada” da sociedade e dos indivíduos. Especialmente nesta perspectiva, estão os encontros que esclarecem a ênfase que recai sobre esta “componente” na instituição escolar. À Educação Física fora concebida a finalidade de treinar, disciplinar, e modelar o corpo físico, de tal modo que no senso comum ela estaria impossibilitada de teorias e discussões.

Sob esta compreensão do governo moderno, a Educação Física no espaço escolar aponta para alunos uniformizados e controlados em suas ações corpóreas. Nisto, há o ensaio por “normalizar os indivíduos que se destoam do modelo social, a partir de normas, instrumentos de medida e de comparação, regras de juízo” (EWALD *apud* RATTO, 2007). Tal afirmativa encontra respaldo nas falas de alguns dos entrevistados, relacionadas aos métodos punitivos determinados aos alunos que cometeram atos de indisciplina:

[...] a punição deve impedir que o ato se repita. (Professora 3)

Todo ato indisciplinado deve ser punido verbalmente, pois há a necessidade de levarmos o aluno a refletir sobre suas ações e sobre a moral. A partir da segunda ou terceira conversa, utiliza-se de advertência escrita, como forma também de atender ao regimento da escola... (Professora 5).

V – Considerações Finais

Cada vez mais a indisciplina tem sido fonte de problematização na realidade escolar, porém, este não é um fenômeno atual. Sobretudo, seu acontecimento decorre de fatores que não estão fechados ao espaço escolar, mas, decorrem das fissuras sociais.

Para compreender o fenômeno da indisciplina, e a partir disso, entendê-lo nas aulas de Educação Física fez-se de suma importância elucidar o processo de institucionalização da escola, especificamente a elementar. Este modelo escolar foi criado em meados dos séculos XVIII e XIX, essencialmente sob a missão de forjar o homem novo – obediente, disciplinado e civilizado. Também nesta perspectiva, ocorreu a introdução da Educação Física na escola por meio dos exercícios ginásticos, primordialmente com a finalidade de controlar o corpo produtivo.

Verificou-se, a partir do atrelamento dos pressupostos concebidos com os dados colhidos, que a indisciplina da escola é o ato de romper com toda esta ordem colocada sob o ideal de progresso. Neste pensamento, indisciplinado é o sujeito que transgride as leis impostas “moralmente”. Nas entrelinhas, à escola coube domesticar os indivíduos, tornando-os iguais e indiferentes aos desequilíbrios desta nova sociedade.

Com efeito, verificar o ato indisciplinado na escola, e até que ponto este inviabiliza o processo educativo, depende essencialmente da compreensão do que vem a ser prática pedagógica. Se pensada sob a perspectiva do modelo moderno/hegemônico de escolarização, qualquer atitude contrária às normas ditadas socialmente é indisciplina. Em contrapartida, pensar em uma educação que não se comprometa em modelar as pessoas, mas que seja um meio para a transmissão do saber e para a produção da consciência pura e autônoma, nem todos os comportamentos que se desviam dos padrões sociais serão taxados de indisciplinados.

Nisto, não rompemos com a importância das regras e de um sistema normativo-disciplinar, mas estes instrumentos não podem ser o produto final da escola e de uma prática pedagógica. Também sob este juízo, a Educação Física não pode ter como finalidade disciplinar o corpo físico, tornando-o adestrado.

Propõe-se, aqui, um cotidiano escolar que esteja pautado além dos conteúdos e da padronização e que, para isso, deve desenvolver-se a partir das culturas de trabalho colaborativo. Os professores, nesta perspectiva, são motivados a entenderem juntos as iniciativas de reforma no cotidiano escolar, bem como são estimulados a planejarem ações conjuntas. Vale-se que culturas colaborativas consistentes e relacionamentos confiáveis na escola são esteios ao trabalho intelectual e emocional diante de situações controversas ao processo educativo (HARGREAVES; SHAWN; SUSAN, 2002). “As relações de colaboração profissional entre os professores são encaradas como a chave para formar alternativas de exercício do poder no interior das organizações educativas” (BARROSO *apud* LIMA, 2002, p. 41).

A intervenção na realidade escolar no que diz respeito ao trato da indisciplina deve, portanto, apropriar-se da coerência entre os valores éticos e morais e, essencialmente, de uma cultura colaborativa entre aqueles que se dinamizam o trabalho educativo.

REFERÊNCIAS

BOTO, Carlota. **A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Caderno Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 4 ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

DUSSEL, Inés e CARUSO, Marcelo. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar**. São Paulo: Moderna, 2003.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador. Vol. 1: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, Michel; tradução Eduardo Brandão. **Os Anormais**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HARGREAVES, Andy. **Aprendendo a mudar: o ensino para além dos conteúdos e da padronização**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LA TAILLE, Yves. **A questão da indisciplina: ética, virtudes e educação**. In: DEMO, Pedro. **Grandes pensadores em educação: O desafio da aprendizagem, da formação moral e da avaliação**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LIMA, Jorge Ávila de. **As culturas colaborativas nas escolas: estruturas, processos e conteúdos**. Porto, Portugal: Porto editora, 2002.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 3. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1992.

RATTO, Ana Lúcia Silva. **Livros de ocorrência: (in) disciplina, normalização e subjetivação**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.